

O admirável mundo novo do consumo

(Não Assinado)

Maior acesso à educação foi fundamental para ascensão socioeconômica.



O fenômeno social que engrossou a Classe C pode parecer bastante recente, mas começou, de maneira discreta, há 20 anos, quando o País iniciou o processo de abertura econômica, construindo relações comerciais com outros países. Logo depois, em 1994, a mudança ganhou força com o bem-sucedido projeto de estabilização que foi o Plano Real. Quem lembra as origens da "nova classe média", é o cientista político Amaury de Souza que, ao lado do seu colega Bolívar Lamounier, lançou o livro "A classe média brasileira".

Em entrevista ao Diário do Comércio, Souza diz que as principais marcas desse novo grupo social são a vontade de conhecer e adquirir os produtos e serviços que fazem parte do conforto das classes A e B e o esforço para não voltar às classes D e E.

Muito se tem falado dos consumidores da nova Classe C brasileira. Afinal, quem são eles?

Amaury de Souza – São os consumidores criados pela estabilização da moeda, pelo acesso ao crédito – primeiro o empréstimo pessoal – e, agora, cada vez mais, pelo financiamento imobiliário. A formação desse novo grupo também tem a ver com o avanço da educação no País, ainda que ela não seja de qualidade. Aumentou muito a parcela de filhos de famílias mais pobres que passaram a receber educação formal e que, com isso, puderam competir com mais força no mercado de trabalho.

"O modelo para esse consumidor é a classe AB. E a distância é muito grande em termos de consumo, mas é isso que eles almejam", disse Amaury de Souza, cientista social.

Esses novos consumidores são resultado dessa transformação, que vem ocorrendo gradualmente desde 1990. Nesse processo, três fatores foram fundamentais: a globalização, a estabilização da moeda e a crescente escolarização das novas gerações. Esse último fator é especialmente relevante. Na medida em que se melhora a escolarização da população, cai a desigualdade de renda, possibilitando que milhões de famílias passassem a ter um padrão de vida melhor, o que não tinham antes.

A Classe C já é chamada por alguns de "nova classe média". No que ela difere daquela tradicional, normalmente associada a pessoas de maior renda e formadoras de opinião?

AS – Esse novo consumidor é muito diferente daquele da chamada classe média tradicional, cujos hábitos e características já estão bem consolidados. A começar pela educação: os brasileiros da classe média têm educação universitária, enquanto os integrantes dessa nova Classe C, em geral, têm apenas curso fundamental – só uma parte tem curso secundário.

A classe média tradicional tem patrimônio, casa própria, planos de saúde privados, investimentos. Muitas vezes possui o próprio negócio. Esses ativos garantem que a próxima geração da família vai ficar no mesmo nível ou ascender social e economicamente. E, finalmente, essa classe média tradicional tem relacionamentos, algo que ainda falta na Classe C e que, praticamente, não existe entre os pobres brasileiros.

Quanto mais baixa a classe social, mais isoladas ficam as pessoas. Isso limita os recursos de ascensão. Deve-se ressaltar, portanto, que os novatos da Classe C fizeram um esforço brutal para subir e continuam fazendo o mesmo para se manter.

Além da renda, há outros critérios que inserem um consumidor na Classe C?

AS – Pelos critérios da Fundação Getúlio Vargas (FGV), faz parte da Classe C quem tem renda familiar mensal entre pouco mais de R\$ 1,1 mil e

R\$ 4,8 mil. O nível de renda é muito modesto, mas é preciso lembrar que, para estar entre os 10% mais ricos do País, basta ter uma renda mensal individual de R\$ 2,3 mil, pois a desigualdade brasileira é monumental, é uma das maiores do mundo. Outra coisa que situa o cidadão na Classe C é o hábito de consumo. Ele consome de forma similar à da classe média tradicional: quer ter todos os eletrodomésticos, viajar, almoçar e jantar fora. Também é possível fazer a divisão considerando o grau educacional.

No que se refere a compras, o que quer hoje a Classe C?

AS – O modelo para esse consumidor é a classe AB. Repito, a distância é muito grande, especialmente em termos de nível de consumo, mas é isso que eles almejam. Por exemplo, cada vez mais há pessoas usando planos de saúde



privados, contratando planos de previdência e investindo na caderneta de poupança, que parece que é popular, mas não é. Já tem até gente da Classe C aplicando na bolsa.

Esse movimento de entrada de mais pessoas na Classe C é sustentável a médio e longo prazos?

AS – Tudo indica que o País continuará em uma fase de crescimento econômico bastante sustentável. Esse cenário considera uma evolução importante da educação. O passo que era mais difícil – colocar todas as crianças no ensino fundamental – já foi feito. A tendência é de que haja mais oportunidades de emprego e a Classe C deve se ajustar à nova realidade do País.